

POEMAS

Manuel de Freitas



1. FREITAS, Manuel de. *[S/C]*.
Lisboa: Assírio & Alvim, 2002,
p.47-8

LARGO DO PENEIREIRO¹

[para a Inês]

Tudo se perde, claro. Mas lembrarei
seguramente os olhos vermelhos
de um gato de Alfama e todos os poemas
que não escrevi contra mim próprio,
naquele pátio aberto a ciladas e dissipações.

Vinho tinto, charros, paixões escarnecidas
num diálogo de guitarras desatentas,
Tu fazias vinte e quatro anos, é certo,
e dizias com maior razão que aqueles olhos na noite
pertenciam a uma gata. Perdida, achada luz,

quando se percebe o desabrigo, a difícil
pertença a esta espécie de gente,
comunidade de loucos deserdados a que
o empregado, de bigode, chamou
«o pessoal da bebedeira». Porque isto
que não passa, sabemo-lo bem, é a vida

ou a morte, uma perda que dura
e que não se apaga assim, sob um cerco
de navalhas ou de inúteis, vigorosos
sentimentos. Por exemplo o amor,

essa estranha mistura de angústia, desejo
e novamente angústia. O não apenas sexo
de adormecer em braços reais
que afastem para sempre o mundo.

Mas acabo por subir cambaleante as escadas
à hora em que o vizinho de baixo
se prepara para ser uma pessoa altamente
honrada, no talho de bairro
que lhe dá sentido aos dias.

E não é dor, nem prazer, nem
ressentimento o que um corpo
sente, às seis da manhã, prostrado
na lama involuntária destes versos.
Antes um vazio imperfeito, uma
ferida sem lugar que nenhuns lábios,
sequer os teus, saberiam calar.

Fizeste, já disse, vinte e quatro anos.
Não esperes grande coisa da felicidade.



2. FREITAS, Manuel de. *Os Infernos Artificiais*. Lisboa: Frenesi, 2001, p.13-4

RETRATO DE HELENA DE TRÓIA JOGANDO *FLIPPERS* NA RUA DA MISERICÓRDIA²

Gosto de vir a este café todas ou quase todas as terças à tarde, sobretudo se chover. Não conheço sítio melhor para se ler (vamos supor) a *Ilíada* — entre putas, semiputas e putas antigas. Qualquer uma delas poderia dizer, como Helena, «sou uma cadela» — de um modo resoluto, desinibido e mais cheio de graça (para ser inocente só é preciso inocência). Mas tantas vezes o que me acontece é fechar o livro, ficando a ouvi-las vociferar, discutir sem rancor e com um gentil acento metafísico temas prementes como o sexo (infallível), as rendas de casa ou tragédias de lavandaria. Um jogo de *flippers* bastar-lhes-á depois para matar o tédio de quando as palavras se negam ou as telenovelas demoram. E é isto que me apetece achar belo, desesperante. «Nem vale a pena a gente ser puta» — diz alguém, sonoramente, no intervalo de ditar uma carta para a filha, no Canadá. Talvez Helena.

Talvez ninguém, um nome para os dias lentos em que os eléctricos passavam ainda e o corpo pesava uns quilos de saudade a menos. É uma estória que não me pertence, suponho, suspensa pelo relógio que no seu pouso certo já viu o amor e a raiva, o ciúme e o desespero, sem por isso se deter num rosto menos semelhante às horas. Deixo apenas que a alma e suas lodosas suspeitas repousem um pouco sobre o tampo azul desta mesa. O senhor Manel vela por mim e pela minha cerveja, como já fez com tantos outros ao longo das décadas (a ele, desculpo-lhe até o intestinal salazarismo de que por vezes se lembra). Bagaços, ginjinhãs e mendigados galões — nisso tudo pode caber, e a seu modo explodir, um cáustico e bem-disposto sentido da vida. Não vale a pena traírmos a desonesta simplicidade das coisas: tudo o que existe é um excesso, a visitar-nos trocista em condoída pobreza. «Já nos cobre a noite e é bom obedecer à noite». Nesta mesa azul deponho as minhas mãos leais ao vazio, tremendo de suposta dor.

Pois nada disto nos afastou afinal da «triste morte», do negro devir sobre nós já traçado.



3. FREITAS, Manuel de. *[SIC]*.
Lisboa: Assírio & Alvim, 2002,
p.32-5

EL SALSERO³

[para o Manuel João Fradique]

Os homens são assim. Bebem de mais,
cantam, esconjuram a morte
chamando-a para mais perto — e ela vem.
É uma ciência nocturna, a dos
homens, enquanto copos e garrafas
martelam sobre o balcão
os compassos de uma música sem saída.
É tão triste às vezes saber
que «à sombra do milho verde
namorei uma cachopa» – ou
pedir ao rosto de ninguém
que nos beije muito, como se fosse
esta noite a última vez...
Tão triste, numa noite realmente
última, lembrar outra vez os amigos
que hoje aqui não estão por terem
bebido mais depressa o mesmo copo
letal que nos afasta da morte...

Amores, desamores, injúrias
palavras vizinhas dos punhais.
Coisas que os anos foram sepultando,
quase com doçura ou escárnio.
Porque os homens, quando bebem,
conhecem imensamente a loucura,
sentem nos ombros mais velhos
o peso insidioso da melancolia.
E não é fácil de ver, tanta dor.

Isso mesmo que certas canções
ou a névoa do haxixe nos fazem esquecer
por breves instantes uma vida inteira.
Isso mesmo, ainda, que na derrota
de um sorriso se confunde com o
sudário dos dias. Porque dentro destas
quatro paredes, sabíamos bem, era
proibido amanhecer. Só muito mais tarde,
já sem alma nem dinheiro, os corpos
voltariam a rastejar para a
maldição da luz. Com uma canção
mais fria a escurecer-lhes os lábios.



II

Empalidece agora o sorriso do gusano
na parede, ferem mais as palavras
sem medida de Chavela Vargas
e a certeza subitamente real deste último
trago entre os últimos da festa.
As garrafas de várias cores não voltarão
A derramar o seu cálido perfume
e há, talvez, um mapa de afectos que
soçobra, um poema que ninguém escreveu.

Mas a perdição continuará, noutros
sítios, em casa de gente que morre
e entristece de tanto viver. Os dolorosos
amigos. Existirá sempre um vinho forte
a alimentar o epicentro do pânico,
aí onde apenas o vazio tem mãos
capazes de nos amparar na queda.

O que não lemos, o que não amámos,
os países que desconhecemos — tudo isso
ficará dentro destas paredes condenadas
à destruição e às prepotentes razões do lucro.
Perder – eis a nossa vocação, a única. Com um
relâmpago de sombra nos olhos apagados.

III

O teu amigo, porém, regressa — abre
pela última vez a porta larga do inferno
e anuncia para a escuridão dos rostos
que «já é dia». Finge também ele sorrir,
perder de pé. Porque há evidências inaceitáveis,
manhãs de metal que nos surpreendem vivos.

Só no táxi abraçamos a certeza do fim, agora
mais palpável, e o dia demolido que nos espera.
Há horas assim — de que a própria morte
se apiedaria, se tivesse tempo.
Uma canção que regressa só para nos dizer
que a perdemos, que é tão tarde o corpo.



4. FREITAS, Manuel de. *[S/C]*.
Lisboa: Assírio & Alvim, 2002,
p.12

QUANDO SÓS À BOLEIA DO CREPÚSCULO⁴

[para o Fernando Guerreiro]

Não mais a literatura, os seus
fúteis e imperiosos desígnios
- julgamos dizer, insistindo
numa ourivesaria do terror
e em gestos que sabem o quanto
chegam tarde. Quando sós,
à boleia do crepúsculo, dizemos
coisas assim, mentimos com
os dentes todos que não temos.

E a mentira (a literatura)
é ainda a improvável derrota
de que não nos salvaremos
nunca. Tão igual à vida, portanto:
pouso o copo, recupero o fôlego,
fumo uma silepse. Sei que vou morrer.

E isso que - talvez - nos diz
é uma evidência que escurece
(tivemos por amigo o desconforto).

Quanto ao mais, vamos andando.
Casados ou sozinhos. Mortos.

